

Ariane Rosa
Cainan Rodrigues
Cássio Tyrone
Heron Prado
Kabe Rodriguez
Laila Beatriz
Lidiane Almeida
Luisa Bianchetti
Mayara Villena
Nina Moyle
Paula Petit
Raissa Studart
Renata Malheiros
Renata Rinaldi
Renato Rocha Lima
Shakti Gomes
Thalita Perfeito & Yuri Thevenard
Thiago Chaibub
Yuri Costa
Wandré Silva

¹ Conteúdos-instalatórios elaborados para a disciplina de ementa livre em Teoria, Crítica e História da Arte (STCHA5- Logografemas e Imagotopias) ofertada pelo Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e ministrada pela profa. Luisa Günther no primeiro semestre letivo de 2016.



Ariane Rosa
ESTUDOS SISTÊMICOS, 2016
(cartolina sobre chão)



Cainan Rodrigues
TÔNICA DO SUMIÇO, 2016
(ocupação do chão)



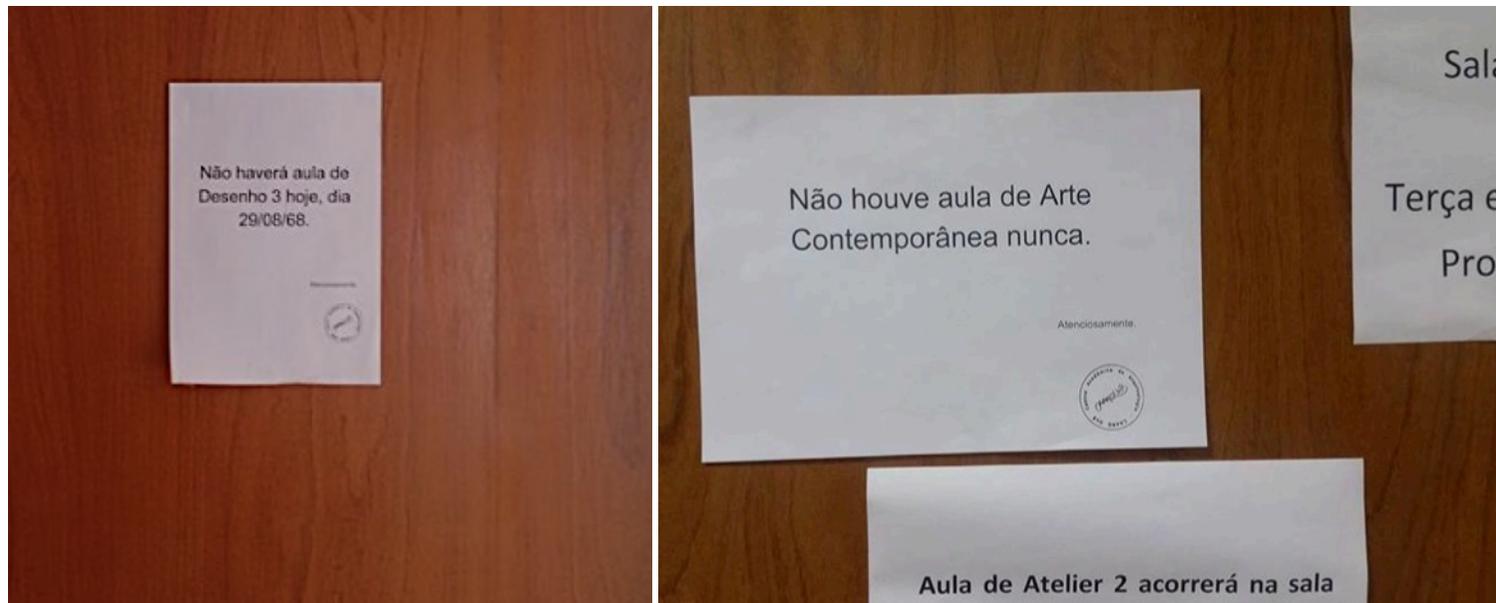
Um treino de contrastes entre brutezas e coisas vivas.
A sutileza do ser que só é notado quando incomoda.
O ser vivo que vive a partir do bruto.
O incômodo da vida que não deveria estar lá.
Queimem suas pernas.

Cássio Tyrone
ÁGUA-VIVA, 2016
(fita crepe, papel e spray sobre parede)



as substituições digitais das coisas, a internet, as descobertas científicas, o século. um efeito cascata de ressignificação

Heron Prado
POEMITOS, 2016
(QRcode sob espaço)



O documento é um objeto inanimado que aciona o indivíduo MOVER-SE (SER-SE)NO ESPAÇO (FILOSÓFICO OU PAISAGÍSTICO). Talvez o único a se relacionar com uma ordem ao mesmo tempo em que figura um caos. Quando acionado e (detido) em mãos, o documento se torna ação e anula a fiel natureza do organismo em relação ao espaço (ambiente) e institui um mecanismo que desfaz a natureza do organismo e torna o detentor da fidelidade de nossas relações. A documentação é necessária para que nada se torne maior que o corpo-organismo. Porém, nessa estruturação de um organizado-corpos-organismo acaba se tornando mais regente e importante que a natureza do organismo. Na quebra da ação do documento, para devolver/soltar o corpo-organismo na natureza (da ação) é preciso inverter agindo com o documento. O documento e a ação se tornam dois (protocooperação) em um só corpo (da ação), negando o lugar potentado do corpo-sólido da documentação (antibiosíco).

Kabe Rodriguez
ATENCIOSAMENTE, 2016
Documento-ação.
Da serie "Como construir uma bomba"



Uma composição orgânica, apresenta um corpo construído por linhas de ferro, entrelaçadas torna visível a imagem de um cão, este feito por mãos humanas, fruto de um ferro retirado de restos de um campo de construção residencial (local: Noroeste, Brasília) foi inicialmente concluída a sua parte de ferro em 2014, após isso foi deixado de lado em um jardim, onde trepadeiras foram plantadas aos seus pés, com os meses as trepadeiras cresceram e o envolveram por completo, as plantas se entrelaçam e tomam conta da obra por completo, desconstruindo e reconstruindo o corpo, partes da planta murcharam, morreram, partes nasceram flores, no fim a natureza toma por completo o corpo até o destruir. O metal atualmente apresenta ferrugem, algumas partes o metal se rompeu e foram trocadas por arames novos (como a cabeça) , algumas partes não receberam uma ressolda apenas permanecem quebradas. A obra foi posta em um jardim no ida, envolta de com aspecto semelhante a trepadeira, a tornando quase invisível.

Laila Beatriz
EM MEIO COMPOSIÇÃO, 2016
(ferro, planta, arame)



Uma representação de uma imagem pouco comum no meio urbano. Um bebê dentro de um bueiro enrolado em saco de lixo. Próximo a ele, uma placenta estará pendurada em uma árvore. O aborto e a morte são assuntos tabus, apesar de tão presentes. Essa antinomia traz questionamentos a respeito da cena.

Lidiane Almeida
INCERTEZAS?, 2016
(boneca, saco de lixo, coisas)



Luisa Bianchetti
IDA, SEM VOLTA, 2016.



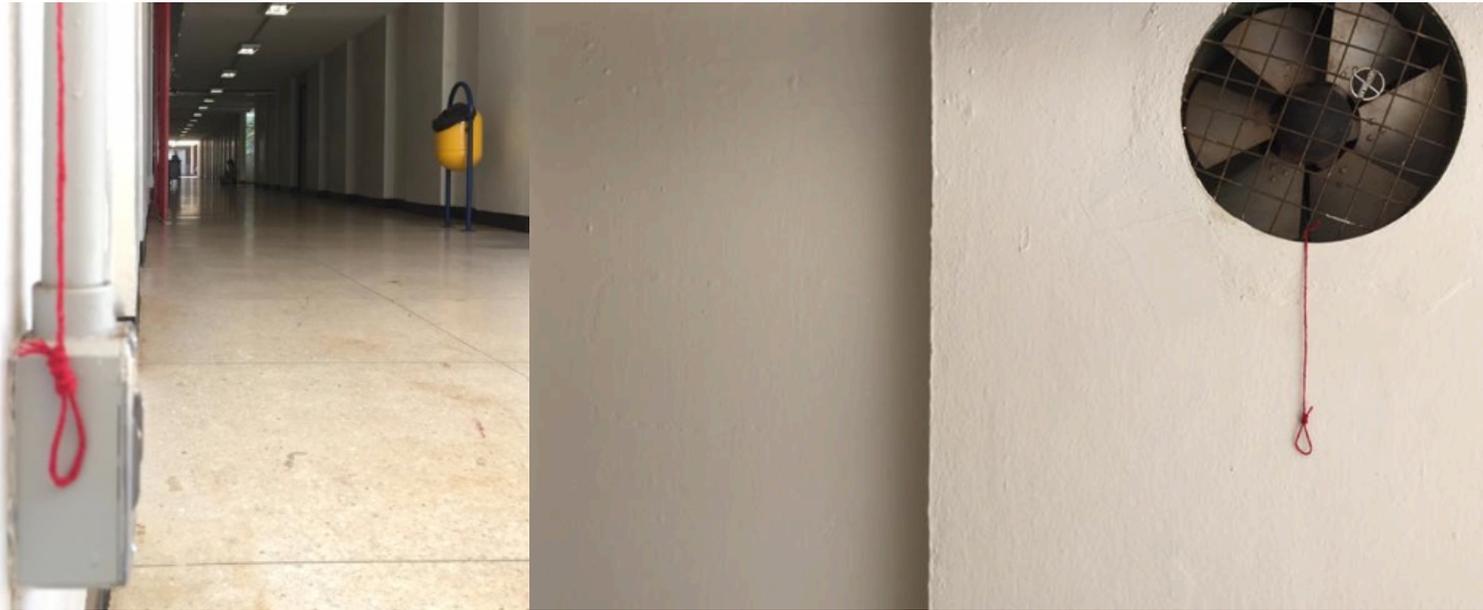
Entender o vazio. Respeita-lo. Traduzi-lo. Senti-lo. É preciso se esvaziar, de si, dos outros, dos bens, dos males, da matéria, dos pensamentos, até mesmo dos sentimentos. Esvaziar-se. Encarar o vazio. O nada. O branco (enlouquecedor). Sem nenhuma materialidade. Sem nada pra se apegar, sem nada pra se segurar. É só você agora, é só você no mundo. Só você e o nada (o nada que é tudo).

Mayara Villena
O VAZIO DIZ, 2016
(papel sulfite sob espaço)



acidez.
prove sem fazer cara feia.
o asco pelo corpo feminino trazido pela religião e a ideia do pecado original.
a misoginia institucional, a igreja mercantil,
o medo da natureza e do eterno renascimento,
o medo das formas femininas (vesica piscis) que habitam tudo que é vivo
independente da vontade do homem.
o corpo é objetificado e fetichizado; o órgão do prazer é ocultado.
a sexualização sem tabu naquilo que deve: nos deixem gozar em paz!
o profano também é o sagrado feminino.
o segredo feminino é resistir.

Nina Moyle
A FÉ FRUTO DE EVA OU DEUS É MULHER, 2016
(tempo, tangerina e fitas de "Lembrança do Senhor do Bonfim" sobre árvore)



sobre pensar e idealizar e agir mas não agir

Paula Petit
SUICIDAL IDEATION, 2016
(barbante vermelho)



para habitar, para ocupar, para acolher dentre terras inóspitas. para se aguentar e refugiar.
para que nosso canto no mundo permeie mais que corpo e com ele, o transitório. um pertencimento de caber no bolso, de caber na presença.

Raissa Studart,
SINTA-SE EM CASA, 2016.
(gesso, tamanhos variados)



As folhas e a grama são verdes.

As folhas e a grama parecem verdes. As folhas e a grama devem sempre parecer verdes. Estamos no Distrito Federal, no mês de junho. As folhas não são verdes como se espera. Nas ilustrações elas estão, nos desenhos infantis também. Há lugares em que se pinta a grama seca de verde. Deve fazer com que as pessoas se sintam melhor, ter as coisas à sua volta da forma como se espera que elas sejam. As coisas são assim. Se elas não estiverem assim, fazemos com que elas ao menos o pareçam.

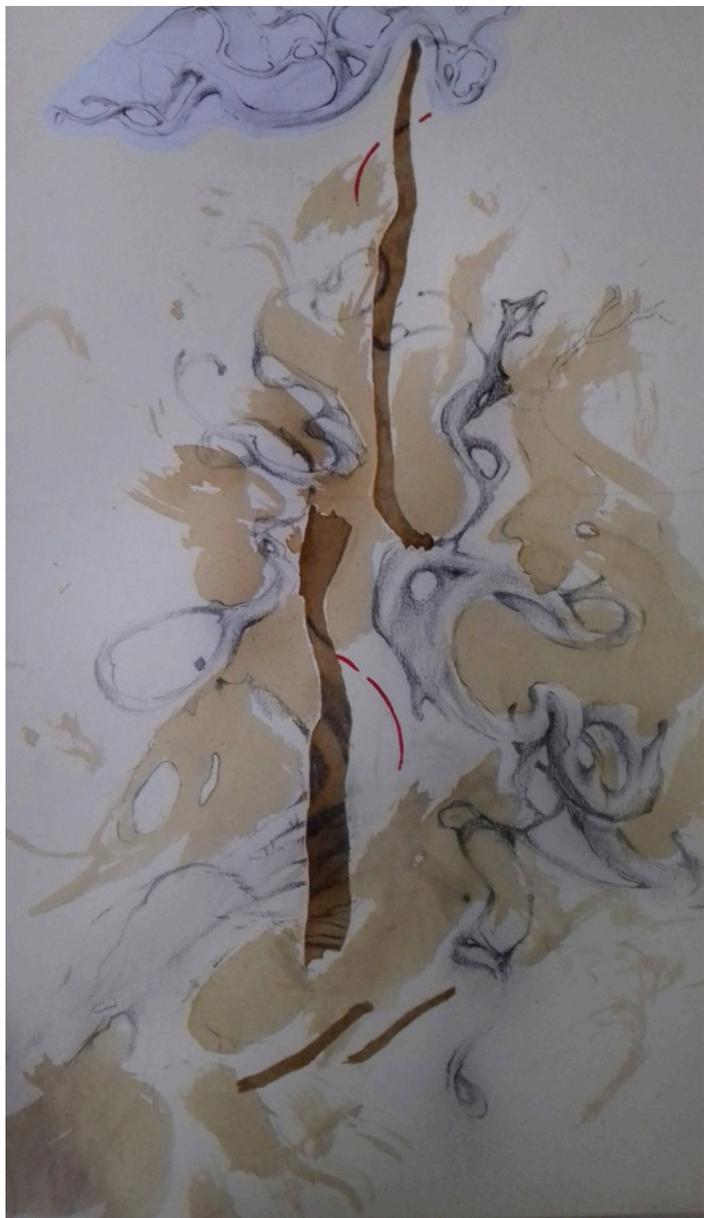
Renata Malheiros
O CÉU É AZUL E O SOL É AMARELO, 2016
(spray verde sobre folhas e grama)



Renata Rinaldi
NOTAS MARGINAIS, 2016
(papel, cola e dissimulação)



Renato Rocha Lima
SEM TÍTULO, MAS TINHA UM TÍTULO. QUAL ERA MESMO?, 2016
(balões, ar e fita adesiva)



Sobre permitir a coexistência

Sobre se permitir perceber coisas profundas ao olhar nos olhos das coisas e dos outros. A possibilidade amorosa de simbiose com o que é externo ou estranho.

Sobre permitir a sutil idéia de canais que nos ligam em essência e sobre a necessidade urgente e esdrúxula de coabitar em plenitude com os diversos mundos alheios (desmundos de você mesmo). Na consciência xamânica, o mundo não é experimentado como estando separado de nós: “as experiências que vêm do xamanismo tendem a fomentar um grande respeito pelo universo, respeito esse baseado no sentimento de constituirmos uma unidade que contém todas as formas de vida...” Está ligado a consciência mítica, que representa uma força contra a mente prosaica, que insiste em que as coisas são apenas como elas aparecem. “Longe de sermos românticos ou regressivos, o retorno à consciência mítica parece estar carregado de implicações pragmáticas para uma cultura que tem sido tão intolerante para aquelas experiências místicas que transcendem o consenso de realidade”. Seria a cultura mecanicista industrial de superidentificação com o processo racional.

Sobre novas possibilidades para além do que as coisas ou pessoas aparentam

Shakti Gomes
“CANAIS” OU ATÉ ONDE CHEGUEI POR ENQUANTO, 2016
(aplicações e desdobramentos)



Estava caminhando no corredor quando à encontrei, escondida num canto que a encaixava naquele espaço. Sua forma, estranha, parecia papel amassado, um pouco também que nem bala de côco. Sua textura papeluda, com recheio empedregulhado, como pequenos cristais. Cristais esses que se relacionam com a sua superfície, brilhosa e granulada, um atrativo para os olhos. Foi esse o brilho que me fez encontra-la naquele canto, um brilho forte, mas não maior do que o brilho do seu estouro.

Thalita Perfeito com Yuri Thevenard
GLITTERROR, 2016
(glitter sobre pólvora)



Em instantes brotam da terra as frutificações do corpo micelial nela entranhada. Como uma rede neuronal o micélio se espalha sob o solo e conecta todos os seres que nela se sustentam. Renova o solo e gera alimento. O micélio é a analogia perfeita ao ideal de consciência ecológica e social humana. E seus “frutos”, os cogumelos, nos provêm em corpo e alma, e nos imbuem da sabedoria cooperativa e compassiva de sua ancestral natureza. Surgindo inesperadamente em lugares insuspeitos, os cogumelos evocam a lembrança do logos arquetípico que se instaura em matéria e espírito, pela terra através de seus micélios, e sob o véu da realidade através de seu poder.

Thiago Chaibub
FRUTOS DA TERRA, 2016
(papel, fita crepe e canetas fluorescentes)



A instalação consiste em um nariz de palhaço suspenso por fio de nylon com o dizer “Vista se lhe couber(t)”, partindo da temática “sutil e esdrúxulo”, a ideia foi unir um objeto discreto, porém simbólico, à palavras que tem interpretações diferentes dependendo de quem as veja. Tendo como referência Gustave Courbet, artista disposto a fazer declarações socialmente e politicamente ousadas, através de seu trabalho delicado.

Yuri Costa
VISTA SE LHE COUBER(T), 2016
(nariz de palhaço e barbante)



A cabine de um sanitário público, o confessionário católico, a cabine telefônica, urna eletrônica... Lugares de pequenas dimensões onde se pode agir em segredo, onde pode se despir das fantasias sociais e enfim “relaxar”, ser você mesmo. Na maioria das vezes, o uso é individual, ou deveria ser. Lugar onde se procura ser sutil, em suas manifestações, em relação as pessoas que se encontram externos a ele: se sussurra, cochicha, geme baixo, se faz ligações secretas..., procurando abafar sons indesejados, estranhos e por vezes reais intenções e ações (afinal, podemos deduzir o que a pessoa fez, mas que certeza temos?) porém sempre se escapa sons toscos, cacofônicos, esdrúxulos... Se tosse enquanto peida, a fim de disfarçar a autoria do ato que compromete todo mundo, pois o fedor é geral. Poderíamos pensar tal lugar também como um perfil na internet, um cargo de alta patente ou mesmo os centímetros cúbicos de nosso cérebro? – Provável! Fato é que depois de utilizado tais espaços, pode-se vestir a máscara social e sair desses espaços de bastidores, fazendo pose e fingindo que não se tem relação com o acontecido e que inclusive, é tão prejudicado pelo cheiro como qualquer outro. Mas e quando dá merda!? Quando a descarga emperra, depois que deitamos e rolamos crendo que tudo feito em segredo permaneceria em segredo? Nestes momentos, ninguém é culpado, e muito pelo contrário, muitos chegam a declarar que nem cagam!... Seja fulano ou ciclano que tenha cometido o ato (e nessa contenda sempre há verdadeiros exércitos a favor do cú de um ou de outro), no fim, quem desentope a privada é Seu Zé Povim, a final, ele não fez merda – ele vive nela.

Wandré Silva
DEU MERDA!, 2016
(intervenção em cabine de banheiro público)